

# Praça do Conic não pára

JEOVA FRANKLIN  
Da Editoria Política

Falta generalizada de cerveja, greve dos ônibus e uma morna segunda-feira. A Praça do Conic, oficialmente chamada de Praça Cultural, o espaço político mais rico e espontâneo de Brasília tinha tudo para não funcionar ontem. Não houve distribuição de "santinhos", nem pequenos comícios, tampouco aconteceu o rotineiro debate de alto-falantes entre os candidatos J. Pingo (PMN) e Marco Antônio Campanella (PMDB). No entanto, funcionou. Com menos brilho, é verdade, mas com muito charme.

Aqui tudo pode acontecer, diz a professorinha militante do PT, ente dois goles de cerveja quente, enquanto Chiquinho, funcionário da Livraria da Rodoviária, ao lado de um prato de frango a passarinho com cebola crua, no bar Tô-queTô, dizia ser a Praça Cultural um espaço político-etílico para ninguém botar defeito.

O Professor Lauro Campos, candidato ao Senado, pelo PT, no banco de cimento em frente à sede de seu partido discutia os detalhes de sua campanha para os próximos dias, dizendo ter que diminuir o ritmo para não estourar a garganta. Entre a definição de um e outro compromisso explicava que a praça se transformou num espaço político por excelência num espaço político espontâneo, para o qual não se pode estabelecer nenhuma estratégia especial. Vale simplesmente deixar ali as coisas acontecerem.

Diz ainda o candidato a senador que o espaço político espontâneo foi criado a partir dos aluguéis baratos que atraíram para o Setor de Diversões Sul os partidos pobres e candidatos de poucos recursos. Ali se localizam as Sedes regionais do PC do B, PSB, PND, PT, a filial do PCB (Livraria Galilei) e a imponentes, para não fugir à contradição, do PDS. Estão também ali instalados comitês de Marco Terena (Câmara-PDT), Campanella (Câmara-PMDB), Arlete Sampaio (Senado - PT), Chico Vigilante (Câmara-PT), Waldimiro Souza (Câmara-PCB) e os sofisticados escritórios eleitorais de Francisco Carneiro (Câmara-PMDB) e Aref Assreuy (Senado-PDS).

Há, no entanto, quem não vê tanto charme na Praça da Cultura. Wellida Costa, secretária do PDS é, por exemplo, uma delas. Mal termina o expediente, às 18 horas em ponto, ela procura sair dali sem olhar para trás. Prefere curtir uma cervejinha gelada longe

dali, na boate Zoom, no Lago Sul.

Na mesma situação estão Ofélia Otaviano e Raimunda Félix, recepcionistas do Comitê Eleitoral de Francisco Carneiro (PMDB) instalado no subsolo do Edf. Eldorado. Reclamam que ali não há lugar para uma cervejinha tranqüila nem um papo legal. Preferem caminhar um pouco mais até o Conjunto Nacional.

Maria Aparecida de Oliveira, secretária do PSB, vê com menos censura a Praça do Conic. Acha inclusive que deveria existir em Brasília outras praças iguais àquela, onde se pudesse tomar um chope gelado e gastar conversas depois do trabalho.

Ivanildo Dantas e Edna de Oliveira, ele representante de vendas e ela recepcionista de uma empresa de taxi aéreo do aeroporto, dizem não vir ali com frequência nem gostar de política. Ele reclama muito das coligações sob o argumento de que "macarrão depois de entra na panela amolece rapidamente", dirigindo não muito sutilmente o olhar para a sede do PC do B, à sua frente.

Dr. Carlos Wilson, frequentador dali, há oito anos, acha que a política melhorou muito o local. Agora há policiamento e se foi o perigo frequente de ser assaltado. Só tem a reclamar dos políticos terem introduzido ali a poluição sonora. Confessa-se um eleitor indeciso com apenas uma certeza na cabeça: não vai votar no PMDB. Primeiro por ser contra o continuísmo, em segundo lugar, por ter o partido majoritário, como cores de sua bandeira, as mesmas do Flameugo.

Em pouco mais à frente, num banco de cimento, em frente ao Bar do Gordo, onde um grupo de universitárias com a camiseta da Campanha de Tolentino traçam planos e estratégias de colagem de cartazes, um balano tranqüilo. João Teixeira Filho, deixa as muletas de lado e confessa todo um grande amor pela Praça Cultural:

—Aqui só tem gente bacana e educada. Não há greve nem confusão. Frequento o local desde 1977, quando veio fazer tratamento médico e resolveu ficar. Lamenta apenas ter perdido toda documentação numa bolsa roubada por uma mineira, na rodoviária e o pão-durismo dos políticos que passam por ali.

Acrescenta que o único a lhe dar uma esmola razoável foi Newton Rossi que lhe pagou uma pinga e uma carteira de cigarro "Belmonte".